

sempenhar o papel atribuído à classe operária na concepção marxista clássica, uma vez que esta, no sentido clássico, não existe nos países subdesenvolvidos. Ainda nessa linha, porém, numa abordagem divergente, Bettelheim afirma que o “carater proletário de uma revolução tem muito mais a ver com o papel dominante desempenhado pela ideologia proletária e pelo partido portador dessa ideologia que com a amplitude numérica do proletariado” (p. 85).

A importância desse livro é apontada por Paul Sweezy ao afirmar “estarmos finalmente a dar os primeiros passos em direção a uma teoria viável do que incontestavelmente constitui, com o imperialismo, um dos dois fenômenos decisivos da realidade mundial da segunda metade do século XX, ou seja, a sociedade de transição entre o capitalismo e o socialismo” (p. 43).

MARIA HELENA SIMÕES FILHO

* *

*

GRAHAM (Richard). — *Grã-Bretanha e o início da Modernização no Brasil*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1973.

Sai agora em português o livro do historiador americano Richard Graham. Inicialmente a obra se tornou conhecida dos especialistas brasileiros através da publicação da Cambridge University Press *Britain and the Onset of Modernization in Brazil (1850-1914)*, editado em 1968. Richard Graham é, indubitavelmente, um dos historiadores americanos que melhor conhece a História do Brasil e, em especial, a história desse período, já anteriormente considerado por Capistrano de Abreu como o da modernização de nosso país. Todo seu trabalho está concentrado no papel exercido pela Inglaterra para que o Brasil caminhasse para “um mundo moderno”.

E diz o autor no prefácio:

“O Brasil começou a modificar-se radicalmente no período que vai de 1850 até 1914 e esta obra procura analisar, como um tema dentro dessa história, a influência exercida pelos britânicos na concretização desse processo revolucionário. Em 1914 o Brasil apenas começara a modernizar-se; mas havia começado. Talvez o esforço necessário para este impulso primário tenha sido bem maior que o requerido para o seu prosseguimento, pois não estou discorrendo somente sobre o desenvolvimento econômico, mas também sobre as mudanças havidas nas estruturas sociais e alterações pelas quais passaram os indivíduos, tanto em seu comportamento como na maneira de encarar os acontecimentos diários de sua vida, isto é, mudanças que possibilitariam outras modificações vigentes até os nossos dias”.

Vai estudar nas 380 páginas que compõe a sua obra, todo processo de nossa “modernização” não se esquecendo de dedicar uma parte importante à análise das sociedades britânica e brasileira, procurando demonstrar os seus pontos contrastantes. Ao longo de doze capítulos estuda desde o início de nossa modernização afirmando estar o Brasil

“se modernizando há, pelo menos um século, a despeito da existência ainda hoje de remanescentes características da sociedade tradicional”,

onde a influência britânica é acentuada até o momento em que essa mesma influência entra em declínio. O binômio café-ferrovias é amplamente analisado pelo Autor que dá uma visão clara da atuação dos capitais ingleses na implantação e desenvolvimento das Estradas de Ferro, funcionando estes como autênticas empresas criadas para transportar o produto novo e entrega-lo nos portos para exportação, principalmente no caso de São Paulo (1).

Interligado ao papel do transporte se encontra o complexo Importação-Exportação, ao qual o autor dedica um capítulo bastante cuidado e elucidativo. Dedicase ainda aos estudos dos hábitos urbanos de vida, à crescente industrialização do Brasil, sempre apoiado no capital inglês e ainda, então, de forma exaustiva das mudanças da utilização da mão-de-obra no Brasil, tomando como ponto de apóio para suas ponderações o comércio de escravos e a escravidão. Sempre colocando lado a lado Inglaterra e Brasil preocupa-se com os assuntos ligados aos homens de empresa e seu papel na nossa modernização e ainda estuda os problemas ligados à Liberdade e Associação.

Analisa com profundidade aspectos particulares da classe média britânica e o comportamento do Liberalismo Brasileiro procurando estudar o problema específico do indivíduo dentro da sociedade e finaliza com o estudo do declínio da influência inglesa no Brasil. Dedicar também um capítulo ao estudo do “spencerismo” e da idéia de progresso, muito profundo e de grande valor para os estudiosos do século XIX brasileiro.

Creio que acompanhando o livro do professor Richard Graham podemos concluir com ele que:

“Os ingleses contribuíram em muito por começar o estabelecimento de uma moderna estrutura no Brasil, devendo-se, no entanto, citar também que muitas de suas ações foram favoráveis às forças que se opunham a essas idéias modernistas. Atuando sem qualquer idéia altruista ou maliciosa preconcebida, mas impelidos pelas ambições e energias, provenientes de uma condição já inculcada em seu íntimo pelos hábitos de sua sociedade em fase

(1). — Sobre o binômio “Café-Ferrovias” ver tese (no prelo) do prof. Odilon Nogueira de Mattos, *A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira*, defendida em 1973.

adiantada de modernização, os ingleses contribuíram inegavelmente para dar princípio e prosseguimento à modernização e desenvolvimento de um país tropical chamado Brasil”.

Completa o trabalho 3 apêndices, uma lista de fontes de informações e uma biografia sucinta do Autor.

J. S. WITTER